

O TRANSEUNTE

Eu o via quase todas as manhãs quando olhava pela janela da sala de estar de minha casa. Ele passou a fazer parte de meu dia-a-dia. Com o corpo ligeiramente curvado, ele arrastava um pouco uma das pernas. O pé era tão torto que ele pisava mais com a lateral do que com a sola do sapato. Eu calculava que ele tivesse uns 80 anos. Vestia uma simples camisa de flanela. Ao vê-lo sair sob o ar gelado das manhãs de inverno, eu me perguntava se ele não estaria sentindo frio.

Certa manhã, enquanto eu cuidava do jardim, vi o velho homem sorrir e despentear o cabelo de um garotinho que passava por ele a caminho da escola.

É agora ou nunca, pensei, atravessando corajosamente a rua e apresentando-me a ele.

Seus olhos azuis desbotados criaram vida, e seu rosto contorceu-se em outro sorriso, desta vez para mim.

- Minha esposa e eu somos suíços. Viemos primeiro para o Canadá e depois para os Estados Unidos - ele disse. - Já faz muitos anos. Trabalhamos muito. Conseguimos economizar um pouco de dinheiro, o suficiente para comprarmos um pedaço de terra. Como eu não falo inglês muito bem, pego as cartilhas das crianças e estudo-as sozinho até aprender. - Ele riu ao olhar para a escola de ensino fundamental do outro lado da cerca. Em seguida, seu semblante ficou circunspecto. - Não temos filhos.

Refleti sobre a conversa na quietude daquela manhã, profundamente emocionada pela solidão que senti em sua voz enquanto ele falava dos parentes que restaram em sua terra natal, cuja distância não era apenas medida em quilômetros. Eles viviam em mundos completamente diferentes.

- Minha esposa não está muito bem - ele me disse quando perguntei sobre ela.

Eu queria aproximar-me dele, oferecer ajuda, ser sua amiga, mas achei que já havia me intrometido demais na vida daquele desconhecido. A palavra apropriada para o momento era discricão. Comecei a volta r para minha casa.

- Por favor - eu disse, deixando um convite em aberto-, qualquer dia desses, quando o senhor estiver passando por aqui, entre e tome uma xícara de café comigo.

Durante alguns dias, eu não o vi passar diante de minha casa, mas pensava nele com frequência. Estaria ele confinado em casa ou enfermo? Será que a saúde de sua esposa havia piorado repentinamente? Se ao menos eu soubesse o nome dele ou onde morava... Meu convite desajeitado não me saía da cabeça. Eu queria tanto ser amiga dele!

Depois de alguns meses, eu o vi novamente. Enquanto eu passava por um local a cerca de 15 minutos a pé de minha casa, avistei o seu familiar jeito de andar com dificuldade e mancando. Ele caminhava lentamente, com os ombros caídos e um dos pés tão retorcido que o calcanhar não se encaixava

no sapato. Seu rosto pálido estava mais magro que da última vez, mas seus olhos ainda brilhavam, e ele sorriu reconhecendo-me quando voltei a me apresentar. Fiquei sabendo que o nome dele era Paul.

- Não ando mais como costumava - ele explicou. - Não posso deixar minha esposa muito tempo sozinha. A cabeça dela não está muito boa. - Ele fez uma careta e tocou a testa com a mão. - Esquece tudo. - Em seguida, fez um gesto em direção a uma casa verde e branca, de madeira, do outro lado da rua e perguntou:

- A senhora gostaria de ir até lá para ver meus desenhos?

- Estou indo buscar meu carro na oficina - eu disse, desculpando-me -, mas adoraria vê-los em outra ocasião.

- Então, venha esta noite, está bem? - Ele tinha um ar esperançoso.

- Oh, sim - eu disse-, está combinado.

Naquela noite, o aroma forte que exalava dos pinheiros tomava conta do ar gelado e causticante. Paul aguardava com olhar esperançoso perto da janela. Quando ele abriu a porta, vi que estava bem arrumado para receber uma visita.

Sua esposa, magra e franzina, apareceu na porta da cozinha, enrolando os cabelos brancos em formato de birote.

- Entre, entre - ela insistiu, com um sorriso bonito para sua idade, estendendo a mão macia e enrugada.

- Esta - disse Paul - é Bertha, minha esposa. - Ele endireitou o corpo e ficou mais alto. - Estamos casados há 56 anos.

Naquela noite, conheci os desenhos de Paul feitos com caneta e tinta. Percorremos cômodo por cômodo. Os quadros com molduras simples estavam pendurados nas paredes, e as folhas avulsas, guardadas dentro de gavetas. Havia esboços de pessoas famosas, paisagens, qualquer coisa que lhe viesse à mente. Cada um tinha sua história.

Contudo, a mais comovente era a dura realidade de um talento como o dele sendo ignorado pelas pessoas de sua geração. Seu pai lhe dizia:

- Não vou gastar dinheiro à toa com você. Se ficar sentado desenhando desse jeito, nunca vai ser nada na vida.

A mãe morreu quando ele tinha nove anos. Ele se lembrava da varinha batendo-lhe na cabeça todas as vezes que ela o encontrava com um lápis e um bloco na mão.

- Faça alguma coisa útil. Não perca seu tempo - ela ralhava.

Quando retornamos à cozinha, Bertha procurava alguma coisa com que pudesse expressar sua hospitalidade.

- Eu gostaria de ter alguns bolinhos para lhe oferecer. Não posso mais cozinhar como fazia antes.

- Agradeço muito. Acabei de jantar - eu disse.

O jantar deles era entregue de carro por uma instituição filantrópica três vezes por semana.

- Não podemos comer muito. Sempre sobra alguma coisa para o dia seguinte. Menos às segundas-feiras. Nesse dia, temos de preparar nossa comida.

Eles pediram que eu ficasse mais um pouco. Sentamos e conversamos. A dignidade tomava conta de toda a casa.

Paul atendeu à porta na segunda-feira seguinte. Seus olhos voltaram-se para a bandeja que eu carregava.

Ele ficou feliz com minha chegada, mas seu semblante aflito e agitado deixava transparecer que eu presenciaria uma briga.

Bertha, pálida e nervosa, tentava controlar-se.

- Não estamos nos sentindo bem hoje, e eu não consigo me lembrar de nada. - Ela levantou as mãos em sinal de rendição. - Acho que é... velhice!

Eles me conduziram à cozinha. A sopa em lata havia derramado no fogão.

As mãos de Paul tremiam. Ele me mostrou o buraco provocado pelo fogo na manga de sua camisa enquanto tentava aquecer a sopa. A labareda, abafada no momento de minha chegada, havia provocado aquele estrago. Ele pôs a mão na testa e suspirou, tentando readquirir o controle.

- É isso que me aborrece às vezes - ele disse, arrumando as facas e os garfos na mesa enquanto eu colocava ali a comida que havia preparado.

Bertha continuava nervosa, sem saber onde colocara a colher de pau, que agora não era mais necessária. Senti pena dela.

A fragilidade, as irritações, as frustrações, as limitações e os temores causados pela idade haviam sido demais para eles naquela manhã. Comovida ao ver tudo aquilo, segurei as mãos trêmulas de Bertha.

- Podemos nos sentar e orar? - perguntei.

- Oh! - exclamou Bertha. - É disso que precisamos. Paul sentou-se em uma cadeira ao lado do sofá.

Depois de orar, olhei para os dois. Gratidão e alívio estavam estampados no rosto deles. Toda a tensão desaparecera. Abracei-os com força e fiquei feliz quando eles também me abraçaram.

- Você é muito boa para nós - disse Paul, dirigindo-se à mesa da sala de jantar e puxando uma cadeira para sua esposa.

Não, pensei, Deus é muito bom para mim. Ele permitiu que eu compartilhasse esse momento em que tocava o coração de duas pessoas a quem Ele ama muito.

Como me senti abençoada por isso! Eu queria me tornar amiga daquele casal, pois Ele colocara esse desejo em meu coração.